

Sustentabilidade e Desenvolvimento: a comunicação como mediadora rumo à sustentabilidade na Associação Comercial e Industrial de Londrina – ACIL

PABLO HENRIQUE PASCHOAL CAPUCHO

pablocapucho@hotmail.com

MAITÉ MORGANA UHLMANN

mmorganau@gmail.com

MARLENE MARCHIORI

marlenemarchiori@gmail.com

Sustentabilidade e Desenvolvimento: a comunicação como mediadora rumo à sustentabilidade na Associação Comercial e Industrial de Londrina – ACIL

Sustainability and Development: communication as a mediator towards sustainability in the Commercial and Industry Association of Londrina – ACIL

RESUMO

Diante da complexidade que envolve o tema Sustentabilidade e suas múltiplas interpretações, surge a possibilidade da Comunicação como mediadora, cujo poder transcende as fronteiras das organizações, se tornando uma ferramenta estratégica nos conflitos que envolvem os temas Desenvolvimento e Meio Ambiente. Perante este cenário, a opinião pública tem acesso à conteúdos sobre as organizações, que extrapolam o que se produz sobre e pelas mesmas, contribuindo na construção de sua reputação. A compreensão de que há a necessidade do respeito aos limites dos recursos naturais para a produção de bens e serviços se apresentam como uma medida urgente para a proteção e atendimento das gerações futuras. No município de Londrina, a Associação Comercial e Industrial de Londrina tem papel determinante na mediação entre atores no âmbito municipal. Neste contexto, buscou-se por meio deste artigo compreender **como a comunicação na ACIL pode atuar como mediadora nos conflitos entre sustentabilidade e o desenvolvimento?** A pesquisa desenvolvida foi de abordagem qualitativa, por meio de levantamento bibliográfico e estudo de caso da associação. A análise demonstrou que a comunicação da associação atua como mediadora voltada para um desenvolvimento sustentável, principalmente focada nas dimensões social, cultural e econômica.

Palavras-chave: comunicação, sustentabilidade, desenvolvimento, mediação.

ABSTRACT

Facing the complexity that surrounds the theme Sustainability and its multiple interpretations, the possibility of Communication as a mediator emerges, whose power transcends the boundaries of organizations, becoming a strategic tool in the conflicts that involve the themes of Development and Environment. Given this scenario, public opinion has access to content about organizations that extrapolate what is produced about and by them, contributing to the building of their reputation. The understanding that there is a need to respect the limits of natural resources to produce goods and services is presented as an urgent measure for the protection and care of future generations. In the city of Londrina, the Commercial and Industrial Association of Londrina has a determining role in mediating between actors in the municipal scope. In this context, this article sought to understand **how communication in ACIL can act as mediator in the conflicts between sustainability and development?** The research developed was of qualitative approach, through a bibliographical survey and case study of the association. The analysis showed that the association's communication acts as a mediator focused on sustainable development, mainly focused on the social, cultural and economic dimensions.

Key-words: communication, sustainability, development, mediation.

INTRODUÇÃO

A sustentabilidade tem sido discutida com mais ênfase pelos aspectos socioambientais, e se apresenta como um dos principais desafios da sociedade moderna, principalmente quando questões ameaçadoras como as catástrofes naturais ganham as pautas na mídia como consequência do aquecimento global. No entanto, a sustentabilidade está presente em várias dimensões, transcendendo as questões socioambientais, conforme Sachs (2002). Neste contexto, a comunicação ultrapassou as fronteiras das organizações e se tornou um processo poderoso para o relacionamento com os públicos, interno e externo. Diante das crises, principalmente ambientais, as organizações são pressionadas a uma nova postura, e a comunicação é de fundamental importância na medida em que cria cenários favoráveis para a busca do entendimento nos interesses entre organizações empresariais x sustentabilidade. Conforme Golobovante (2010, p. 99):

[...] ampliação do alcance das tecnologias de comunicação em nível planetário, que fez com que as mensagens acerca das atividades das organizações escapassem ao controle total delas, pois outros emissores como ativistas, consumidores e acionistas passaram a produzir e disseminar informação, assumindo um papel antes restrito a alta gestão das organizações.

Com a pressão para ações sustentáveis e dos diferentes atores influenciando o comportamento das organizações, a opinião dos diversos públicos pode influenciar o ambiente de negócios, influência essa que está muito além dos *stakeholders*. Neste contexto, a ideia de desenvolvimento passa a ser vista como um ponto crítico das discussões. Conforme Mitra e Buzzanell (2015), as organizações e o ambiente se apresentam como dicotômicos no sentido de que para produzir é necessário a exploração de algum recurso natural, cuja fonte é o meio ambiente. Neste mesmo caminho, Castro (2004) apresenta uma visão marxista sobre tais problemas, dizendo que a acumulação de riquezas e natureza são contraditórios.

Neste contexto, a Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL) é a maior entidade da classe empresarial. A sua missão é promover ou atuar diretamente em iniciativas voltadas para o desenvolvimento do município e sua região. Com uma atuação influente na sociedade londrinense, a associação acompanha desde o princípio da formação da cidade, pautada em princípios e ética desde a sua origem.

Diante dos desafios da vida contemporânea, a compreensão de que há a necessidade do respeito aos limites da natureza e por consequência, limites à vida humana, se apresentam como uma medida urgente para a proteção e atendimento das gerações futuras. **Neste contexto, de quais maneiras a comunicação na ACIL pode atuar como mediadora nos conflitos entre sustentabilidade e o desenvolvimento?** Para tanto, o objetivo geral deste artigo é verificar de quais maneiras a comunicação pode ser mediadora nos conflitos entre a sustentabilidade e o desenvolvimento. Dentre os objetivos específicos, pretendemos:

- a) Identificar na literatura quais as abordagens possíveis entre sustentabilidade, comunicação e desenvolvimento;
- b) Analisar a comunicação como mediadora nas organizações;
- c) Compreender de quais maneiras a comunicação na ACIL pode mediar conflitos entre organizações empresariais, sociedade e objetivos sustentáveis.

A escolha dessa abordagem justifica-se pela relevância que os temas comunicação e sustentabilidade têm individualmente, bem como relacionadas, quando podem colocar em cheque ou sob reflexão, a necessidade de um desenvolvimento a qualquer preço. Para tanto, o caminho metodológico escolhido foi a realização de um levantamento bibliográfico e a realização de um estudo de caso tendo a Associação Comercial e Industrial de Londrina – ACIL, como ator principal, avaliando documentos publicados, o *site*, bem como realizando uma

entrevista semiestruturada com o atual presidente da entidade, cujo caminho certamente demarca o caminho trilhado pela entidade, no que se refere à sustentabilidade.

Para fins estruturais, o artigo está dividido em cinco fases distintas, iniciando com a introdução apresentada. A segunda discutirá a fundamentação teórica, abordando o desenvolvimento sustentável para o alcance da sustentabilidade e as suas diferentes dimensões, considerando sua característica holística, contradições entre desenvolvimento e sustentabilidade e logo a seguir, a comunicação como possível mediadora deste processo. Em um terceiro momento, é apresentado o caminho metodológico utilizado neste trabalho, seguido por uma quarta fase de apresentação e análise dos dados. A quinta e última fase contém as considerações finais dos autores.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta sessão serão apresentadas as teorias utilizadas para a fundamentação do trabalho em quatro diferentes temáticas.

O desenvolvimento sustentável para o alcance da sustentabilidade nas suas diferentes dimensões

O termo “desenvolvimento sustentável” alcançou mais visibilidade a partir dos anos de 1980, quando se colocou para discussões a Estratégia Mundial de Conservação da Organização das Nações Unidas (ONU), bem como as consequências da crescente preocupação com os problemas ambientais, sociais e econômicos, associados às inquietações sobre a pobreza, desigualdade social, e preocupações com um futuro saudável para as próximas gerações (HOPWOOD, MELLOR, O'BRIEN, 2005). Nesta perspectiva, o desenvolvimento sustentável poderia ser o caminho para o alcance da sustentabilidade, cujo conceito pode variar conforme os interesses de quem o defende, do país que se vive e da cultura, suas crenças e sua condição socioeconômica. O conceito de desenvolvimento sustentável que deu mais visibilidade e gerou uma série de discussões teve origem no Relatório de *Brundtland* de 1987, que conforme Castro (2004), defendia a ideia de ciclo de dependência, de que os países subdesenvolvidos necessitam do crescimento econômico com livre mercado, fortalecido pelas tecnologias como facilitadora para a acumulação do capital.

Na defesa de que o alcance da sustentabilidade deve ter no *business* o seu alavancador, Starik e Kanashiro (2013) foca na sustentabilidade gerencial, voltada para os indivíduos, empresas e sociedade, na medida em que essas relações necessitam de gerenciamento para o alcance de equilíbrio. Os autores colocam que a teoria explica o óbvio: as organizações estão imersas no ambiente natural, e que o mundo biofísico e as relações sociais são impactadas pelas decisões tomadas hoje, e o futuro depende das mesmas. Ou seja, o mundo das organizações está imerso na natureza, e todas as decisões tomadas hoje afetarão o mundo das organizações e por consequência, os indivíduos.

Numa visão mais humanística, Hopwood, Mellor e O'Brien (2005), dividiram a sustentabilidade entre forte e fraca, onde por conceito, as variáveis estão na intensidade da adequação dos modos e processos de produção, em prol da sustentabilidade. Ainda para estes autores, as organizações e os governos, a partir do que é conveniente ou tido como aceitável, colocam três posições com a relação às ações norteadoras da sustentabilidade: a de *status quo*, que defende a manutenção das coisas como são, a reformista que trabalha no viés da melhoria dos processos de produção, com base na tecnologia para o alcance da sustentabilidade; por fim, a mais radical que é a transformadora, que prevê a ruptura total com o sistema capitalista onde defende a proposta do crescimento zero da população. Estas três posições são paradigmas diferentes, cuja adoção necessitam de um melhor estudo de contexto.

Na falta de um consenso, em geral algumas correntes podem ser divididas em questões políticas e organizacionais. Referenciam-se autores que contribuem um panorama da complexidade e da diversidade de visões a respeito da sustentabilidade. Na corrente política, temos vários defensores, entre os quais Lenzi (2006), Mol (1997), Pierrri (2001), Dovers (1997) e Castro (2004); na corrente organizacional temos Starik e Kanashiro (2013), Kallio e Nordberg (2006) e Shwom (2009), por exemplo.

Para comentar apenas alguns aspectos da corrente política, os autores defendem, cada um à sua maneira, vertentes rumos à Modernização Ecológica, que está bem próxima do conceito desenvolvimento sustentável, pois defendem a aproximação com a economia. No entanto, prevê limites quanto ao uso dos recursos renováveis, tendo o Estado como condutor. Já Mol (1997) salienta os aspectos negativos da modernização ecológica, em especial da transferência da produção das organizações para os países do terceiro mundo. Pierrri (2001) defende o ecodesenvolvimento para os países latinos, incentivando o desenvolvimento econômico com a descentralização da economia em pequenas empresas, com a moderação do estado. Na visão de Dovers (1997), os problemas ambientais têm de ser vistos nos níveis micro, meso e macro, e que tais problemas são diferentes e difíceis por terem características e escalas distintas, difíceis de serem acompanhados ou resolvidos. Castro (2004), apresenta uma visão marxista sobre os problemas ambientais, dizendo que a acumulação de riquezas e natureza são contraditórios.

Na corrente organizacional, Starik e Kanashiro (2013) focam na sustentabilidade gerencial, no que tange aos indivíduos, empresas e sociedade. Defendem que a teoria explica o óbvio, de que as organizações estão imersas no ambiente natural, e que o mundo biofísico e as relações sociais são impactadas pelas decisões tomadas hoje, e o futuro depende das mesmas. Já para Kallio e Nordberg (2006) colocam que os estudos das organizações evoluíram, são importantes, mas não atingiram maturidade por não encontrarem eco no mundo das organizações por conta da pouca produção acadêmica. Numa perspectiva mais crítica, Shwom (2009) defende que as empresas reagem à sustentabilidade dependendo de alguns fatores, tais como perda de vantagem competitiva ou por pressão externa (imprensa), e que as organizações que se desviam dos seus objetivos de lucro para a sustentabilidade, deixarão de existir.

Considerando essas abordagens, aprofundam-se os diferentes olhares que se têm a respeito de conceito, tangibilizando a sua complexidade, na medida em que pode ser melhor compreendida se analisada em diferentes dimensões, os quais apresentaremos a seguir.

As dimensões da sustentabilidade: um conceito holístico

As conexões e desdobramentos que se formam a partir de uma ação sustentável podem ter impactos em diversas frentes, como por exemplo o cuidado e devido tratamento dos resíduos sólidos que afetam a qualidade de vida da população, ou a liberação de um crédito numa cooperativa para abertura de um novo negócio, com a conseqüente geração de emprego e renda, e assim por diante. Diante disso, e considerando o contexto da pesquisa empírica desenvolvida, apresenta-se a abordagem de Sachs (2002), a qual defende que a sustentabilidade é um conceito holístico, emergindo várias dimensões, que refletem visão mais integrada e abrangente sobre sustentabilidade, a saber:

Quadro 1 – Dimensões da Sustentabilidade

Nr.	Dimensões	Definição
1	Social	Refere-se a homogeneidade social, com distribuição de renda justa, com qualidade de vida e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais;
2	Cultural	Trata-se do equilíbrio entre tradição e inovação, preservação de identidade, em oposição às cópias dos modelos colonizadores, não se fechando para as possibilidades de abertura para o mundo.

Nr.	Dimensões	Definição
3	Ecológica	Remete à preservação do capital natural na sua produção de recursos renováveis e à limitação do uso dos recursos não renováveis.
4	Ambiental	A ideia é o respeito a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais;
5	Territorial	Equilíbrio entre o urbano e o rural, superação das disparidades inter-regionais, foco no desenvolvimento ambientalmente seguro em áreas ecologicamente frágeis.
6	Econômica	Desenvolvimento econômico equilibrado, melhoria contínua dos instrumentos de produção, autonomia na pesquisa científica e tecnológica e inserção na economia internacional.
7	Política Nacional	Democracia para os direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional.
8	Política Internacional	Focada na eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, trabalhando para a garantia da paz e cooperação internacional, baseado no princípio da igualdade.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Sachs (2002)

Para Sachs (2002) deve-se ampliar a análise escrutinizando as diferentes dimensões para que o olhar sobre sustentabilidade se amplie e revele diferentes nuances da organização, melhorando desse modo, o entendimento do contexto na busca da sustentabilidade. Nesta direção, para Malmegrin (2010, p. 31-32), a sustentabilidade apresenta algumas dimensões, que podem interagir ou se sobreporem, o que depende do contexto vivenciado pela organização.

Para fins de nossas análises, vamos considerar uma simplificação agregando as seis dimensões selecionadas em três eixos conforme descrito a seguir: 1º eixo, composto das dimensões social e ambiental; 2º eixo, composto das dimensões política e institucional; 3º eixo, composto das dimensões econômica e tecnológica.

Nesse sentido, pode-se compreender um eixo político-institucional, social e ambiental, e econômico-tecnológico, que certamente ampliam o espectro de análise da organização, sendo fundamental considerar o conjunto, do que meramente atitudes isoladas em um ou outro campo, pois um espectro influencia e modifica o outro. Tanto para Sachs (2002) como para Malmegrin (2010), a sustentabilidade não se alcança agindo numa só dimensão, e via de regra uma afeta a outra, o que significa ser complexo o alcance de todas as dimensões. O desafio da sociedade contemporânea neste sentido é o de desvendar caminhos para minimizar ou reduzir tais impactos nesse processo, mas principalmente melhorar a qualidade de vida das pessoas através da distribuição mais justa da renda, com a diminuição da pobreza e da desigualdade.

As contradições entre desenvolvimento e sustentabilidade

Desenvolvimento tem sido desde a teoria de Durkheim, a ordem do positivismo para o progresso das sociedades. Conforme Serva e Andion (2006) a qualidade da adjetivação "desenvolvimento" refere às ações que promovem o desenvolvimento social, cultural, educacional, político e econômico da sociedade com a centralidade no ser humano e nas suas relações e interações com a comunidade onde vivem e buscam formas de sustentabilidade em todos os sentidos.

A partir do conceito de sustentabilidade do *mainstream* vigente, adotou-se como verdade absoluta, principalmente por parte de governos e grandes corporações, o mito do desenvolvimento e do progresso, com o uso da tecnologia como ferramenta, para o bem-estar das comunidades. Neste sentido, a teoria da modernização ecológica, conforme Lenzi (2006), está bem próxima do conceito que compatibiliza desenvolvimento e sustentabilidade, pois ambos defendem a aproximação com a economia. No entanto, prevê limites ao uso dos recursos renováveis, tendo o Estado como condutor. Dentro deste contexto, Pierri (2001) defende a

proposta do eco desenvolvimento, como uma proposta para os países latinos, que incentiva o desenvolvimento econômico com a descentralização da economia em pequenas empresas, com a moderação do estado e com participação popular.

A ocupação das áreas para a produção e a geração de empregos tem feito parte de um discurso adotado por legisladores, que nem sempre levam em conta as questões socioambientais e as consequências desta ocupação. Não se quer aqui dizer que o desenvolvimento não seja importante para as comunidades, e que o progresso não seja um sinal positivo de que as coisas vão bem; a questão é que esses fatores estão sempre acompanhados com a geração dos resíduos no processo da produção, de um produto ou de um serviço, havendo o uso dos recursos naturais. Para O'Connor (2000), o capital não pode ser sustentável, possui duas contradições básicas como a acumulação da riqueza e as relações de dependência, e a redução dos ganhos marginais, ou seja, natureza e capital são antagônicos, o que inviabilizaria o desenvolvimento.

Entende-se, a partir das afirmações propostas, que se a empresa voltar os seus objetivos para a sustentabilidade e não para o lucro, ela não sobrevive no mercado (SHOWN, 2009). O posicionamento das organizações com relação ao uso das práticas sustentáveis geralmente esbarra nas questões de custos. A reciclagem, bem como a acomodação e o gerenciamento dos resíduos sólidos, a utilização de materiais biodegradáveis, por serem de pequena escala, encarecem o valor da unidade de um bem. Nesta perspectiva, e diante da atual realidade brasileira, onde a preocupação das organizações é a de sobrevivência diante de um cenário político e econômico tão turbulento, a sustentabilidade não é a prioridade na pauta, a não ser nas grandes organizações onde o conceito já está difundido e já faz parte do DNA dos processos de produção (SHOWN, 2009).

Diante deste cenário, as medidas coercitivas adotadas pelo estado, bem como a opinião pública, têm papel fundamental na regulação das atividades das organizações, que muito embora saibam das suas responsabilidades, mas em sua grande maioria, apenas reagem às pressões. Embora o mundo precise seguir o seu caminho e tão cedo o capitalismo não deixe de ser o nosso sistema econômico, é fundamental que nesta arena política haja uma negociação justa, que preze pelo bem-estar das comunidades. As mudanças de atitudes de governos, empresas e consumidores vem acontecendo, mas a passos lentos. Nesse sentido, torna-se premente relacionar-se, e a comunicação emerge como mediadora para a busca de equilíbrio entre o desenvolvimento e a sustentabilidade. Para Golobovante (2010, p. 105):

Essa mudança, entretanto, precisa antes ser objeto de um desejo coletivo e é aqui que a comunicação, entendida primordialmente como um espaço de negociação entre as partes, pode jogar um fundamental papel político, que é o de contribuir decisivamente para a construção da cultura da sustentabilidade nas organizações.

Dentro desta perspectiva, espera-se que a comunicação como mediadora aproxime interesses, no paradoxo que existe entre meio ambiente e desenvolvimento, para o nosso bem e para a sobrevivência das gerações futuras. Berlo (2003) afirma que a teoria da comunicação encara a comunicação como um processo. Processo é definido como algo contínuo, não estático, sem necessariamente um começo ou um fim. Esse pensamento contraria a noção anterior de comunicação como uma via de mão única, onde existia o transmissor, a mensagem e o receptor. A comunicação é compreendida como processos contínuos que se constroem nas interações que ocorrem entre os sujeitos.

Neste sentido, quais são as responsabilidades da Comunicação diante das mudanças necessárias para o alcance do desenvolvimento sustentável? Discutiremos a seguir alguns conceitos e possibilidades, diante do papel mediador da comunicação.

A comunicação como mediadora

A comunicação está presente no dia-a-dia de todos os humanos, quando se lê correspondência ou o jornal, ouve rádio, conversa com pessoas, faz gestos, sente cheiro, toca as coisas, entre outros. Quando se realiza uma comunicação, busca-se interagir com o ambiente e influenciar o ambiente conforme a intenção – objetivo – do emissor da comunicação (BERLO; DAVID, 2003). Nesse aspecto, quando se realiza uma comunicação, se tem uma intenção de agência, que Emirbayer e Mische (1998) definem como a capacidade do ator de realizar mudanças na estrutura, utilizando aspectos temporais – experiências do passado, objetivos do futuro e adequar ambos ao presente – para nortear sua ação e, conseqüentemente, a maneira como se comunica com o ambiente em que se está inserido. Jasmin Godemann e Gerd Michelsen (2011, p. 6) compreendem a comunicação como uma ação mediada simbolicamente através da construção humana da realidade com base em percepções e experiências. A comunicação, para esses autores, assume papel de mediadora entre o mundo/ambiente e o comportamento, valores sociais e atitudes do homem.

McGreavy, et al. (2015) tratam a comunicação como um sistema complexo, com interações constituindo relações, trazendo o aspecto do pensamento resiliente que “permite o entendimento da influência das interações sociais em habilidades coletivas para manter ou transformar sistemas” (2015, p. 2). Na pesquisa realizada pelos autores, constatou-se uma correlação forte entre competência de comunicação (demonstração de respeito, confiança e ouvir) com entendimento mútuo entre os membros das equipes questionadas. A comunicação atua como mediadora entre o relacionamento dos atores para a obtenção de melhores resultados dentro dos fins pretendidos. A exposição de diferenças dentro de uma estrutura possibilita o início de uma negociação para novos quadros estruturais, o que significa uma mobilização para entendimento mútuo e visão criativa (MCGREAVY, et al., 2015, p. 8).

Godemann e Michelsen (2011) posicionam a comunicação como processo essencial para a comunicação sustentável que proporciona entendimento mútuo entre as partes. O papel da comunicação sustentável é de mobilizar “entendimento do mundo, que é o da relação entre humanos e seus ambientes, em discurso social, desenvolvimento a consciência crítica dos problemas sobre essa relação e depois relacionar eles com valores e normas sociais” (GODEMANN, MICHELSEN, 2011, p. 6). A comunicação sustentável vem para mediar o entendimento entre uma grande variedade de sistemas sociais e atores.

A comunicação sustentável, assim como a própria natureza da comunicação, “é um processo de entendimento mútuo lidando com o desenvolvimento futuro da sociedade que tem no centro uma visão de sustentabilidade” (GODEMANN, MICHELSEN, 2011, p. 6), assumindo liderança crucial para o desenvolvimento sustentável, agindo como mediadora entre a sociedade e a sustentabilidade, o desenvolvimento e a sustentabilidade. Com essas argumentações pode-se compreender a comunicação sustentável como base para a possibilidade de um entendimento sobre sustentabilidade, a partir das ações mediadas entre sujeitos.

CAMINHO METODOLÓGICO

O método se refere ao caminho usado para alcançar os objetivos pretendidos (GIL, 2009) e entende-se o método científico como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (GIL, 2009, p. 8). A abordagem utilizada no trabalho é qualitativa, com finalidade descritiva. Para a coleta de dados, buscou-se elaborar uma fundamentação teórica para obter um melhor direcionamento sobre os conceitos abordados, cuja pesquisa bibliográfica permitiu avançar nas inter-relações entre os conceitos. Segundo Santos (2005, p.173), “é feita com base em documentos já elaborados, tais como livros,

dicionários, enciclopédias, periódicos, como jornais e revistas, além de publicações, como comunicação e artigos científicos, resenha e ensaios críticos”. Neste levantamento bibliográfico, o livro que demarcou a trajetória dos 80 anos da entidade ACIL, revela-se como conteúdo principal de análise documental.

Posteriormente, a pesquisa conduziu-se através da realização de um estudo de caso sobre a Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL), com a intenção de se “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” (GIL, 2009, p. 58). Após compreendido melhor o contexto do objeto de estudo, foi realizada uma entrevista individual com Claudio Tedeschi, o atual presidente da ACIL no ano de 2017, através uma entrevista semiestruturada. Gil (2009) afirma que a entrevista tem com intenção explorar a fundo a experiência vivida pelo entrevistado em condições precisas, e a entrevista semiestruturada é entendida como apresentando um certo grau de estruturação, através de poucas perguntas diretas e com a concessão de liberdade ao entrevistado para discursar livremente dentro das pautas propostas. Por fim, a análise de dados foi realizada considerando e a entrevista realizada com o atual presidente, em conjunto com as teorias abordadas durante o desenvolvimento da fundamentação teórica.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL) foi criada em 1937, apenas três anos após a criação do município, e conta com 2.800 associados, notadamente uma das maiores do país, com um orçamento de R\$ 6 milhões ao ano. Segundo o jornalista Widson Schwartz (2017), a ACIL surgiu em um momento de afirmação da cidade, para extravasar a representatividade classista e comunitária. Tem sido, através de fatos e dados marcantes que permeiam a sua história, uma interventora que media os interesses da comunidade com diversos outros atores, sendo eles os governos em todos os níveis, a mídia, os investidores e a classe política. Dentro do conceito da sustentabilidade, atua nas dimensões socioeconômicas e política desde a sua fundação.

Visando o desenvolvimento de Londrina, a ACIL trabalha como uma espécie de antessala da Prefeitura Municipal, acolhendo as reivindicações ou necessidades apresentadas pela classe empresarial da cidade, estimulando a geração de impostos, recursos e empregos para toda a região. Percebe-se uma série de intervenções que ajudaram Londrina a se tornar a 3ª. Cidade do Sul do Brasil, com pouco mais de 500 mil habitantes e IDH de classificado em 0,778 (PREFEITURA DE LONDRINA, 2016), considerado alto pelas suas características de cidade. Através da revisão de documentos e publicações, a entidade mediou conflitos seríssimos, contribuindo para a evolução do *status quo* da comunidade local. Sobre a maneira de mediar conflitos, habilidade regularmente requerida pela ACIL, Claudio Tedeschi, atual presidente, aponta, na entrevista, que tal atitude é atingida “[...] sempre dentro dos fundamentos que nós temos, livre iniciativa democracia, ética e moral sempre... você tem que manter os princípios eternos, você não sabe onde vai se você não tem direção”. Destacam-se entre as suas ações mais importantes ao longo da sua trajetória intervenções mediadas pela entidade que visaram a sustentabilidade em diversas dimensões, com foco nas ações políticas, econômicas e sociais. Tal mediação é realizada através da obtenção do consenso, conforme explicou Claudio Tedeschi durante a entrevista:

Isso é o exercício do dia a dia ou até da convivência que você tem né. Normalmente, por exemplo: na questão de consenso, ela vem de quem participa fundamentalmente de uma diretoria e essa diretoria, através de reuniões periódicas, ela já vai ao longo de dois anos do mandato de cada um. Ela já vai criando dentro desse corpo de quem tem melhores condições de na próxima administração.

Através dessa afirmação, subentende-se que a comunicação da associação é um processo contínuo construído entre os diretores. Por se tratar de um processo contínuo entre os mandatos, a construção é realizada a cada troca de diretoria que traz consigo percepções e experiências que serão acrescentadas na associação ao assumir papel de mediadora entre o meio social em que ela atua (GODEMANN; MICHELSEN, 2011).

Na dimensão socioeconômica, Tedeschi destaca a questão da disponibilidade do microcrédito com taxas de juros bem menores que a do mercado, através da parceria com o Sebrae. O presidente afirma que a ação permite incluir quem não tem imóvel para dar em garantia de empréstimo “[...] a gente garante se ele não pagar o banco, nós pagamos” (SCHWARTZ, 2017, p. 20). Em 2016 foram disponibilizados cerca de R\$ 12 milhões de reais. Esta ação é ampliada através do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (SICOOB), cuja criação teve seu start dentro da ACIL. Conforme Tedeschi,

Você dando dinamismo ao que nós fazemos que é a economia, você tá praticando o social, que é o que eu falo... eu não conheço outra maneira de você gerar riqueza se não através da economia da comunidade, economia que gera emprego e renda, que gera tributo, que é através do tributo é que você gera serviços públicos melhores e também sociais...

A comunicação é vista, aqui, como um processo de mediação entre o relacionamento da comunidade para obter melhores resultados econômicos para, assim, praticar o social, conforme a perspectiva de Tedeschi tomando como base o tratamento de McGreavy, et al. (2015) da comunicação como um sistema complexo. Este dinamismo é creditado por Tedeschi ao equilíbrio das economias dentro de uma sociedade:

Eu acho o seguinte, o indicador nosso industrial em média ela é menor do que o resto do Brasil, e o ideal é você ter a diversidade entre os três setores, entre comércio, indústria e serviços..., mas fundamentalmente o que eu acho o seguinte, se a gente for ver a tendência mundial é você reduzir o peso da indústria e aumentar os serviços...

Nesta dimensão da sustentabilidade destaca-se ainda a criação do Fórum Desenvolve Londrina, que tem como objetivo acompanhar as mudanças socioeconômicas e sugerir metas e soluções para a cidade.

Atendendo às demandas da cidade, a ACIL está à frente de algumas bandeiras políticas, mas com cunho social pois impactou na vida da comunidade, como a criação do movimento social Pé Vermelho Mãos Limpas, que resultou na cassação do ex-Prefeito Antônio Belinati. A ACIL recebeu um prêmio em Praga de distinção global entre 100 países na Transparência Internacional, um reconhecimento da eficácia entre o poder do estado e a sociedade civil organizada diante de crimes de corrupção. Sobre a sustentabilidade política, Tedeschi defende a forma de trabalho da ACIL:

A primeira coisa é você manter princípios, porque sem princípios você não sabe pra onde você vai, né..., um segundo ponto é não fazer nunca política partidária, política todos nós fazemos, a união de mais de duas pessoas para melhorar alguma coisa no seio da sociedade na relação humana na sociedade você está fazendo política, que a definição aristotélica de política é essa, é a maior das ciências, a ciência que trata da melhoria da relação humana em sociedade, então é a política que a gente sempre fez. [...] Então acho que mantendo esses princípios, você consegue ter sustentabilidade, porque você tem uma visão de onde você pretende chegar, e a manutenção dos princípios faz com que você tenha certeza que você possa alcançar uma sociedade melhor lá na frente, e se você começar a não ter princípios nenhum você não sabe absolutamente onde você quer chegar, e a gente considera então esse um dos fatores principais... entendeu?

Diante dessa fala, o Presidente da ACIL considera que a questão de seguir princípios também colabora com a sustentabilidade, fazendo parte do seu entendimento do que é ser sustentável. Outro exemplo neste sentido foi a luta pelo direito da abertura do comércio em

horário estendido. Em julho de 2004, a entidade ajuíza um mandato de segurança coletivo, que permite com que o comércio possa abrir aos sábados à tarde e das 10h às 20h nos domingos e feriados. Tal ação resultou em um “*apitaco*” pela cidade liderado pelo Sindicato dos Comerciários e pelo Prefeito da época numa ação oportunista, resultado em depredação e multas num arrastão realizado pelos fiscais. Embora pareça uma ação contra o indivíduo e seu tempo livre, a ACIL defendeu a concorrência justa e a geração de emprego e renda, condições fundamentais para a diminuição da pobreza e da desigualdade social. Ainda no que tange as ações impactantes junto ao comércio, a remoção dos camelôs de rua para uma área apropriada denominada Shopping Popular gerou uma série de polêmicas, manifestações e depredação pela cidade. Para Tedeschi,

[...] você está numa sociedade onde a intelectualidade entre aspas parou no século 18 ou no século 19, nós paramos em 1848, que é o manifesto comunista, o nós contra eles, então você lutar numa sociedade que ainda acha que pode resumir toda a complexidade humana numa luta de classe, é de uma imbecilidade enorme, gigante, é uma coisa que até tem uma frase do Millôr que ele diz o seguinte “uma ideologia quando fica bem velhinha vem morar no Brasil”, então a gente tá numa ideologia de 200 anos atrás, as leis trabalhistas mudaram absurdamente por completo com a visão que você tinha no início do século 19 [...] mas é fundamentalmente isso, você tem uma sociedade que tem um conceito de luta de classe, que tem toda uma classe política que se apega no populismo, clientelismo, assistencialismo, tudo quanto é ismo porcaria que existe, até hoje, você tá irraigado, então você defender a livre iniciativa é árduo.

Percebe-se através desta fala, que mesmo diante de todo o esforço para se mudar e melhorar as relações entre empresários, sindicatos e sustentabilidade socioeconômica, muitas questões ainda precisam da mediação da entidade, haja vista nossa legislação trabalhista ultrapassada. Neste sentido, para Rubens Benedito Augusto, presidente de 2006 a 2008, a criação de um Shopping Popular era “[...] atender de um lado a questão social, por manter o meio de vida das pessoas hoje no camelódromo, e ao mesmo tempo tirá-las da ilegalidade” (SCHWARTZ, 2017, p. 117).

Na dimensão cultural, Tedeschi destaca uma iniciativa inovadora:

E aí é óbvio que sustentabilidade você pode colocar em trinta ângulos... mas vamos colocar nos três principais, os fundamentais que a gente...são o ambiental, o social, o econômico e o cultural... a gente procura também agir em todos esses, tanto é que a gente tem uma preocupação muito tempo... Uma preocupação muito grande cultural, clube do livro, a expedição ao mundo da cultura que a gente tinha... não tinha tanto no início, e agora a gente tá montando um departamento de captação da Lei Rouanet que a gente vai fazer dentro da ACIL uma... alguns editais onde a gente procura ver as principais ações culturais da cidade...

Essa contribuição da ACIL é um excelente exemplo de comunicação sustentável, conforme a perspectiva apresentava por Godemann e Michelsen (2011, p. 6): “um processo de entendimento mútuo lidando com o desenvolvimento futuro da sociedade que tem no centro uma visão de sustentabilidade”. A cultura, conforme Sachs (2002), é uma das dimensões da sustentabilidade, assim como o social, econômico e ambiental. A fala de Tedeschi carrega, portanto, um discurso essencialmente sustentável, mostrando a preocupação da associação com esta pauta e como ela busca agir em relação a ela.

No entanto, um ponto importante para se ressaltar é quanto a ausência da questão ambiental na fala do presidente. Apesar de ser interessante o acréscimo do discurso cultural associado a sustentabilidade, destoando do clássico *triple bottom line* da sustentabilidade, a dimensão ambiental só apareceu uma vez no discurso do presidente da ACIL, enquanto o cultural, social e econômico – principalmente os dois últimos – apareceram diversas vezes durante a sua fala.

Percebe-se, por meio do discurso do presidente da ACIL, que sua principal atuação se dá entre os meios social, a economia e as organizações, assumindo seu papel de agente em constante negociação com a estrutura (EMIRBAYER, MISCH, 1998). Para estes autores, a ACIL neste papel, media comportamentos, afetando diretamente as atitudes dos atores. Tal mediação, na busca pela sustentabilidade, não é uma tarefa fácil, requisitando um compromisso grande tanto dos diretores quanto dos contribuintes. Sua busca, através dos princípios eternos da instituição, visa garantir melhores condições para o crescimento econômico e social do município. Conforme Lenzi (2006), é possível compatibilizar desenvolvimento com sustentabilidade, e a comunicação que a associação media entre os atores, garante um melhor direcionamento ao desenvolvimento sustentável, por permitir uma visão mais sistêmica do todo municipal por, principalmente, se relacionar bem com estes atores.

Discussão do caso

Em que pese o agir sustentável não seja a prioridade das organizações diante do cenário mundial, e em especial o brasileiro diante da crise institucional, econômica e política, algumas organizações foram forjadas e têm na sua essência ações que se traduzem em sustentabilidade, mesmo que não faça parte da sua missão formalizada. Este é o caso da Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL). Todas as ações e intervenções da ACIL, ao longo da história, que se confunde com a da cidade de Londrina, tiveram que ser mediadas ao longo do tempo através do relacionamento em diversos níveis, passando pelo micro (o indivíduo), pelo meso (as organizações) e pelo macro (governos) (STARIK; KANASHIRO, 2013).

Diante dos fatos narrados, significa dizer que uma ação realizada em prol da sustentabilidade socioeconômica, perpassa por ações de sustentabilidade na dimensão política e vice-versa, impactando em outras, na medida que há a necessidade de articulação e mediação com diversos setores da sociedade. A comunicação com os seus públicos é feita diariamente, resguardados os valores que são passados pelas diretorias, de tempos em tempos, portanto a mediação dos conflitos é feita por seus representantes, respaldados num alinhamento estratégico que é construído ao longo do tempo, resultado de trocas com os diversos setores da sociedade. As campanhas temáticas, os eventos realizados, a edição da Revista Mercado, o *site*, bem como toda a diversidade de cursos realizados, são mecanismos que contribuem para que o público imediato, que são as empresas, permaneçam em contato com a organização, que absorve as demandas e as transforma em ações.

Diante dessa troca constante com seus públicos e atenta às necessidades dos mesmos, numa atitude inovadora, surge a preocupação com a dimensão cultural da sustentabilidade (Sachs, 2002), traduzida pela ideia de buscar recursos via Lei Rouanet para o fortalecimento dos eventos culturais da cidade. Acreditando que uma sociedade sustentável é uma cidade com atores cultos, atualmente a ACIL promove quinzenalmente os encontros do Clube do Livro, para a discussão dos clássicos da literatura.

Mesmo inovando, o foco da associação está centrado no comércio e, apesar de resultados alcançados através de uma comunicação mediadora efetiva, existem questões que ainda se encontram sem solução, como a questão do horário estendido do comércio nos fins de semana e feriados, que ainda é pauta de discussão na associação. Porém, conforme demonstrado pelo discurso do presidente atual, existe uma preocupação de discussão contínua desta pauta, mesmo após a troca de diretoria. Este é um fato extremamente importante para demonstrar a continuidade de discussões para possíveis readequações, assim como os assuntos que carecem de resolução que, com a troca da diretoria e acréscimo de novas perspectivas, pode encontrar algum meio de proporcionar um acordo mediado que vá de encontro com os interesses dos atores envolvidos. A comunicação neste caso assume um papel de protagonismo, na medida em

que atua na busca de uma sustentabilidade possível, interferindo no comportamento de tais atores (EMIRBAYER; MISCH, 1998)

A associação trabalha tanto com comércio e indústria, mas percebe-se uma tendência pela economia de serviços, que necessita da mão humana e é menos poluente, em detrimento a industrialização, identificado neste ponto a preocupação ambiental. Quanto as dimensões da sustentabilidade apresentadas por Sachs (2002), percebe-se que a associação desenvolve afirmações principalmente voltadas para as dimensões social, cultural e econômica. Quanto as questões ambientais, apesar de ser citada pelo presidente como uma das principais dimensões da sustentabilidade, não se tem uma preocupação direta com ela, dando a entender que esta dimensão pode ser alcançada através da preocupação das outras dimensões. Neste sentido, conforme Malmegrin (2013) uma dimensão afeta a outra, argumento fortalecido na fala do Presidente Tedeschi quando o mesmo defende o desenvolvimento da economia para a diminuição das desigualdades sociais.

Fica evidente, através das ações sustentáveis apresentadas ao longo do tempo, destacando-se a disponibilização do microcrédito a taxas reduzidas, a criação do movimento social *Pé Vermelho Mãos Limpas*, a luta por melhores condições de livre competição junto ao comércio e as ações de fortalecimento para a cultura, reforçado pelo discurso do presidente da associação, que a ACIL tem um papel muito importante atuando como mediadora entre aspectos relevantes para a sustentabilidade e o próprio desenvolvimento sustentável na região. A comunicação, portanto, atua como mediadora entre os indivíduos internos e os atores externos da comunidade com a qual ela se relaciona diretamente. Por mais que ainda exista progresso pela frente, a preocupação da associação se faz presente para que os objetivos não fiquem apenas no discurso, mas que sejam colocadas em ação, resultando numa contínua comunicação voltada para a sustentabilidade e para o desenvolvimento sustentável.

CONCLUSÃO

O presente trabalho foi desenvolvido na intenção de trazer a comunicação como mediadora entre a dicotomia entre sustentabilidade e desenvolvimento. Para tal, foi buscado literatura abordando os temas de sustentabilidade, desenvolvimento e comunicação. No âmbito gerencial, Starik e Kanashiro (2013) relaciona as organizações com o ambiente natural, demonstrando o poder da tomada de decisão em afetar o seu mundo. Para a sustentabilidade, utilizou-se a abordagem de Sachs (2002), as dimensões da sustentabilidade, abordando esta como um conceito holístico com diversas dimensões que se integram para formar a sustentabilidade.

Para Serva e Andion (2006), o desenvolvimento está interligado com ações que promovam o desenvolvimento social, cultural, educacional, político e econômico de uma sociedade. Percebe-se mudanças de atitudes entre órgãos governamentais, empresas e consumidores, e na busca por um equilíbrio entre consumo e desenvolvimento, Golobovante (2010) coloca a comunicação como um espaço de negociação entre as partes.

A comunicação, conforme McGreavy, et al. (2015) é um sistema complexo que media relações dos atores a fim de proporcionar melhores resultados. Na questão da sustentabilidade, Godemann e Michelsen (2011) afirmam que a comunicação se torna um processo essencial para proporcionar entendimento mútuo entre as partes.

Na Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL) percebe-se a existência de ações onde a instituição, por meio da comunicação, atuou para proporcionar uma mediação entre os interesses de diversos atores sociais do município. A associação ainda tem um caminho grande pela frente, assim como a própria questão da sustentabilidade no âmbito global, no entanto, ela apresente grandes possibilidades para proporcionar um futuro adequado que promova o desenvolvimento e sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

- BERLO, D. K. **O processo da comunicação**: introdução a teoria e a prática. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASTRO, C. J. Sustainable Development: Mainstream and Critical Perspectives. **Organization & Environment**, v. 17, n. 2, jun., p. 195-225, 2004.
- DOVERS, S.R. Sustainability: Demands on Policy. **Jornal of Public Policy**, 16, 3, p. 303-318, 1996
- EMIRBAYER, M.; MISCHE, A. **What is agency?** American Journal of Sociology, v. 103, p. 962-1023, 1998.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed., 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- GODEMANN, J.; MICHELSEN, G. Sustainability communication: an introduction. In: GODEMANN, Jasmin; MICHELSEN, Gerd.(Editors). **Sustainability Communication: Interdisciplinary Perspectives and Theoretical Foundations**. Springer, p. 3-12, 2010.
- GOLOBOVANTE, M. Sustentabilidade, cultura e comunicação: triplo desafio para as organizações. **Famecos**, 17(2), p. 98-107, mai.-ago., 2010.
- HEBERLÊ, A. O papel das relações públicas na comunicação para o desenvolvimento. In: GONÇALVES, G.; FÊLIPPI, A. (org.) **Comunicação, Desenvolvimento e Sustentabilidade**. Livros LabCom Books, Portugal, p. 9-20, 2015.
- HOPWOOD, B., MELLOR, M.; O'BRIEN, G.. Sustainable development: Mapping different approaches. **Sustainable Development**, 13, pp 38-52, 2005.
- IHLEN, Ø. "It is five minutes to midnight and all is quiet": Corporate rhetoric and sustainability. **Management Communication Quarterly**, 29(1), p. 145-152, 2015.
- KALLIO T. J.; NORDBERG, P. The Evolution of Organizations and Natural Environment Discourse: Some Critical Remarks. **Organization & Environment**, v. 19, p. 439 – 457, dec. 2006.
- LENZI, C. L. **Sociologia Ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade**. Bauru/SP: Edusc, 2006. Cap. 3
- MALMEGRIN, M. **Redes Públicas de Cooperação Local**. 3 ed. rev. atual. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração. UFSC; Brasília: CAPES: UAB, 2014.
- MITRA, R.; BUZZANELL, P. Introduction: Organizing / Communicating Sustainably. **Management Communication Quarterly**, 29(1), p. 130-134, 2015.
- MCGREAVY, B., LINDENFELD, L., HUTCHINS, K., SILKA, L., Leahy, J., e ZOELLICK, B. **Communication and sustainability science teams as complex systems**. Ecology and Society 20(1): 2, 2015.

MOL, A. P. J. Ecological modernization industrial transformations and environmental reform. In: REDCLIFT, M.; WOODGATE, G. **The international handbook of environmental sociology**. London: Edward Elgar, 1997

O'CONNOR, J. ¿Es posible el capitalismo sostenible? *Red Papeles de Población*, v. 6, n. 24, abril-junho 2000.

PIERRI, N. El Proceso histórico y teórico que conduce a la propuesta del desarrollo sustentable. In: PIERRI, N.; FOLADORI, G. (org.). **Sustentabilidade? Desacuerdos sobre el desarrollo sustentable**. Montevideo: Trabajo y Capital, 2001

PREFEITURA DE LONDRINA. **Londrina em Dados – 2016 (ano base 2015)**. Londrina, 2016. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=543&Itemid=558>. Acesso em: jun. 2017.

NEWIG, J.; SCHULZ, D.; FISCHER, D.; HETZE, K.; LAWS, N.; LUDECKE, G.; RIECKMANN, M. **Communication Regarding Sustainability: Conceptual Perspectives and Exploration of Societal Subsystems**. *Sustainability*, 5, 2976-2990, 2013.

SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, I. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 5. ed. – Niterói, RJ: Impetus, 2005.

SCHARTZ, W. **ACIL 80 Anos: O espírito empreendedor voando sempre mais alto**. Ed. Midiograf: Londrina, 2013.

SERVA, M.; ANDION, C. Teoria das organizações e a nova sociologia econômica: um diálogo interdisciplinar. **RAE**, Rio de Janeiro: FGV, v. 46, n. 2, p. 10-21, abr./jun. 2006.

SHWOM, R. Strengthening Sociological Perspectives on Organizations and the Environment. **Organization & Environment**, v. 22(3), p. 271-292, 2009.

STARIK, M.; KANASHIRO, P. Toward a theory of sustainability management: uncovering and integrating the nearly obvious. **Organization & Environment**. 2013; 26; 8-30.